

Heloisa Maria Murgel Starling

A estrada de Minas

Reconstituição através de suas histórias, povoados, personagens, lendas, culinária, dos vários caminhos que, no século XVIII, interligam as várias Minas: o Caminho Velho (Minas-São Paulo), o Caminho dos Currais do São Francisco (Minas-Bahia), o Caminho Novo (Minas-Rio de Janeiro), o Caminho do Mato Dentro (Vila Rica-Distrito Diamantino). Ao final, uma estrada construída por uma trama de caminhos imbricados numa trama de histórias, ao sabor da narrativa.

Para Glória e Sérgio, que também atravessaram a Mantiqueira,
para Ana Lúcia e Sizenando, na estrada de Pitangui,
para Gustavo, entre São Bartolomeu e Glaura.

Nos primeiros dias de um mês de dezembro que se anunciava excepcionalmente caloroso, no ano de 1782, o poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga chegou a Vila Rica, nomeado para o cargo de ouvidor-geral, corregedor e provedor das fazendas dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos daquela comarca. Vinha de duas ásperas travessias: a viagem marítima entre Lisboa e o Rio de Janeiro e o acidentado percurso por terra que conduzia o viajante até a parte mais interna do território das Minas. Apesar disso, ao contrário do poeta Cláudio Manuel da Costa, que também realizou o mesmo trajeto, em 1754, de quem viria a tornar-se amigo e vizinho, Gonzaga nunca pareceu ter-se impressionado em demasia com as beiradas do caminho que percorreu: a rude paisagem pedregosa das Minas, a instabilidade da natureza, os rios cerrados, o mato impenetrável, a inevitável solidão entre penhascos, o giro dos sertões.

Ainda assim, Gonzaga deixou implícito, em alguns poucos versos, o leve pressentimento de que havia algo de simbólico e ritualístico nesse caminho mal seguro entre a esperança e o infortúnio, entre um mundo de conhecimentos geográficos rudimentares, comunicações deficientes e anseios de enriquecimento, de glória e de poder. Rota de bordas inexploradas, fronteiras de um interior ignoto, por ele deveria transitar, na intuição do poeta, uma constelação muito variada de indivíduos, um pouco como o próprio Gonzaga, movidos de incerteza e pressa; um pouco, também, como ele, incapazes de resistir aos encantos do ouro, à inexorabilidade da mudança, aos mistérios do vislumbrado, ao desejo imaginário do diferente:

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, a que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Vila Rica.

A estrada de Minas, cantada nos versos de Gonzaga, foi aberta, nos primeiros anos do século XVIII, por Garcia Rodrigues Pais, o filho mais velho do bandeirante Fernão Dias Pais Leme, com o objetivo de conectar a capitania do ouro e dos diamantes ao mundo exterior que começava nos fundos da baía de Guanabara, no centro da baixada fluminense, onde hoje é o município de Duque de Caxias. Contudo, nunca existiu apenas uma única estrada para a região das Minas e sim toda uma rede de caminhos, atalhos, picadas e trilhas, mais ou menos concorridos que, durante os séculos XVII e XVIII, articulava o território mineiro ao ouro produzido em Goiás, às fazendas de abastecimento de gado dos Gerais e da Bahia, ao porto de Cachoeira, centro da cultura de fumo do Recôncavo Baiano, à cidade de Salvador, à vila de São Paulo de Piratininga e, evidentemente, às pedras do cais de Parati e do Rio de Janeiro. Hoje em dia, boa parte dessa rede foi coberta por camadas de asfalto e por novas rodovias, ou incorporada à periferia de cidades sempre em expansão, ou ainda transformada em pastagens. Mas permanecem ruínas nos trechos até hoje existentes e no seu entorno: restos de antigas fazendas e pousos, capelas, casas de pau-a-pique ou adobe, pontes de pedra, chafarizes e muros, além, é claro, de curtíssimos intervalos de estrada ainda pavimentados pela mão escrava com pedras centenárias que surgem, de súbito, numa dobra do caminho.

Ruínas são paisagens do tempo e do espaço – quando contempladas por nosso olhar contemporâneo, observou Ernst Bloch, detonam na alma adulta uma fantasia irreprimível de transportar-se até recantos longínquos, de estar presente em épocas definitivamente extintas. As ruínas contam segredos, liberam sons, acordam o esquecido, transmitem recados, evocam lembranças, conservam lugares: muito antes de Tomás Antônio Gonzaga percorrer célere a estrada que o levaria até Vila Rica e ao encontro de uma história de amor que se confunde e que importa para compreensão de sua obra poética, os bandeirantes que partiram das vilas paulistas, ainda na segunda metade do século XVII, estimulados por rumores que depositavam tesouros inconcebíveis nos espaços inexplorados do sertão desconhecido, penetraram, por outro caminho, nas minas gerais dos *cataguás*, nome genérico atribuído a todas as tribos indígenas estabelecidas no eldorado das serras mineiras.

Era a primeira *boca das Minas*. Longe da costa, bandeirantes entraram no território mineiro pelo Caminho Geral do Sertão, também conhecido como Caminho Velho ou de São Paulo, que ligava São Paulo de Piratininga e São Sebastião do Rio de Janeiro ao ouro recentemente descoberto nos ribeirões do Ouro Preto e de Nossa Senhora do Carmo; e nas margens do Rio das Mortes e do Rio das Velhas. O encontro das estradas de São Paulo com o Rio de Janeiro acontecia na altura das vilas do vale do Paraíba – em especial, Taubaté, Lorena, Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Desse ponto em diante, cabia aos paulistas, gente com particular senso topográfico, na definição precisa de Sérgio Buarque de Holanda, executar a difícil proeza de transpor a Serra da Mantiqueira e abrir picadas no interior da mata fechada, farejando a umidade do vento, deixando roças pelo caminho, improvisando a subsistência com o que aparecesse.

Homens capazes de varar todo o sertão, os paulistas viajavam durante meses, anos, quase sempre a pé, descalços, andando, como índios, com os pés esparramados e os artelhos virados para dentro, de modo a aliviar o cansaço e facilitar o ritmo da caminhada feita sempre em fila indiana; no alto das gargantas imensas da Serra da Mantiqueira, espreitavam a aproximação dos índios bravos e, ao longo das picadas abertas, plantavam roças de milho, mandioca, feijão, que iam colher ao voltar. Talvez tenha sido Cláudio Manuel da Costa um dos primeiros autores, ainda no século XVIII, a louvar uma certa aspiração civilizatória que enxergou na faina sertaneja e predadora dos paulistas uma gente que, do ponto de vista do poeta, parecia haver nascido no planalto de Piratininga quase que somente para

perambular pelo sertão e deslocar-se livremente sobre espaços cada vez maiores, como se fosse vocacionada para esses espaços ou movida por uma espécie da paixão deambulatória:

Cante do Lusitano a voz sonora
Os claros feitos do seu grande Gama
Dos meus paulistas honrarei a fama.

Numa coisa, porém, Cláudio Manuel da Costa tinha razão: os paulistas descobriram uma forma própria de movimentar-se e sobreviver na ferocidade da paisagem mineira. Pelo Caminho Velho levava-se cerca de setenta e quatro dias de viagem até a vila do Ribeirão do Carmo, hoje Mariana, a primeira capital das Minas, antes de Vila Rica, atual Ouro Preto, assumir essa função. A viagem era penosa principalmente por conta da difícil travessia da Serra da Mantiqueira, a “serra que chora”, apelido que recebeu por conta de suas inúmeras nascentes e seus ribeirões enovelados: “um que se chama *Passavinte*”, escrevia, em 1711, padre Antonil, importante cronista da época colonial, “porque vinte vezes se passa por ele e se sobe as serras” – apenas para se deparar com outro ribeirão, logo adiante, “que chamam *Passatrinta*”.

Esguia como uma lâmina, na altura da Serra do Fação, recortada com cinco picos muito altos, “para que nas Minas não cheguem os fracos”, a Serra da Mantiqueira era coberta por uma massa verde escura de matas úmidas, fustigadas por chuvaradas constantes e nuvens de insetos, matas que começavam a brotar já nos primeiros dias de caminhada, na descida da garganta do Embaú, ainda no vale do Paraíba. Primeira rota de abastecimento da região das Minas, pelo Caminho Velho transitou gente de todo tipo, mercadorias e muito ouro – contrabandistas que gastavam seu dinheiro com tabaco, aguardente e armas; aventureiros atraídos pelas descobertas dos primeiros granetes negros de ouro de aluvião nas bacias do rio das Velhas, do rio Doce e do rio das Mortes; comerciantes dispostos a enriquecer rápido; altos funcionários da administração colonial da época – todos trilhando terras estranhas que se movimentavam fluidamente entre a realidade e o mito.

Pelo Caminho Velho marcharam, por exemplo, paulistas enfurecidos, metidos em guerra, pelo controle das minas, contra os *emboabas*, o nome indígena genérico com que designavam qualquer um que não fosse natural da vila de São Paulo de Piratininga. O conflito *emboaba* encheu de desordens e tumultos a vida dos moradores dos arraiais da região, em particular, dos habitantes do pequeno arraial de Santo Antônio da Ponta do Morro, hoje a cidade de Tiradentes. Envolto em um bloco rochoso de montanhas, vizinho ao rio das Mortes, o arraial ficou rico em função da lavagem do ouro e transformou-se no mais importante reduto para os portugueses enquanto durou a guerra. Próximo ao arraial, nas beiradas do Caminho Velho, teria ocorrido o *Capão da Traição*, a chacina dos paulistas que, derrotados, haviam se rendido aos *emboabas* portugueses mediante garantia de vida; em resposta ao gesto de rendição, narra Murilo Mendes, os paulistas receberam dos *emboabas* água para beber,

Toda vermelha de sangue,
Na cuia do rio das Mortes.

Reza a tradição que as mulheres de São Paulo de Piratininga, quando souberam da notícia das mortes e descobriram a traição *emboaba*, exigiram vingança – e, por ordem delas, nova tropa de homens desceu pelo mesmo caminho para tentar cercar, uma vez mais, o arraial da Ponta do Morro. Derrotados e expulsos das

Minas, os paulistas não sossegaram: refugiaram-se na ponta extrema da região mineradora, no arraial de Nossa Senhora da Piedade de Pitanguí e, entrincheirados entre as serras da Marcela e da Canastra, trataram de infernizar a vida dos representantes da Coroa. Há quem diga que por lá passou Manuel da Borba Gato e, sem dúvida, nenhum outro personagem do Setecentos mineiro sublinhou melhor do que ele a suposta autonomia e rebeldia dos paulistas a se submeterem a qualquer autoridade externa, incluindo, no caso, as leis do reino e os representantes do rei. Seja como for, talvez pela evocação da presença do Borba, senhor dos mais recônditos segredos das Minas, certamente por conta dos motins que protagonizou, Pitanguí tornou-se conhecida das autoridades portuguesas pela insolência, terra de potentados e de *gente intratável* – na opinião insuspeita do conde de Assumar, governador da capitania, por exemplo, Pitanguí era um flagelo, a vila “mais rebelde e mais renitente” da primeira metade do século XVIII, *couto de todos os criminosos do governo da capitania do ouro*.

Mas foi também pelo Caminho Velho que a bandeira de Fernão Dias Pais Leme transpôs os penhascos da Mantiqueira, entre 1674 e 1681, para perseguir a sorte em busca da sonhada Serra do *Sabarabuçu*, de cuja encosta desceria um rio extraordinário, transbordando pedras de ouro e esmeraldas. Nessa procura, Fernão Dias avançou pelo interior, fundando, no trajeto, alguns dos primeiros arraiais mineiros – incluindo o arraial de Roça Grande, na região da atual Sabará. Depois, seguiu adiante e, guiado pelo dorso coberto de escamas do maciço do Espinhaço e por seus picos em formas de unhas, Fernão Dias percorreu a região de Itacambira, Itamarandiba, Serro Frio e das lendárias localidades de Esmeraldas e Mato das Pedrarias, até atingir a mítica lagoa *Vupabuçu*, repleta das enganosas esmeraldas de Minas, esmeraldas que, recordaria, quase trezentos anos depois, o poeta Carlos Drummond de Andrade, matavam

de esperança e febre
e nunca se achavam
e quando se achavam
eram verde engano

Contudo, havia um acesso ainda mais antigo do que o Caminho Velho para se chegar às Minas. O caminho da Bahia, o caminho dos rios das Velhas e São Francisco antecipou, ao que parece, a descoberta do ouro nas Minas, embora sua consolidação tenha ocorrido principalmente como resultado dessa descoberta. Conhecido como “Caminho dos Currais do São Francisco”, ligava as fazendas de gado que beiravam o vale do rio das Velhas e o rio São Francisco ao porto de Salvador, garantindo ao viajante um percurso mais longo e mais confortável para a região das Minas, já que se tratava de rota de gado: estrada mais aberta e larga, terreno plano adequado para o deslocamento dos cavalos de montaria e das tropas de burros de carga, alimentação fácil principalmente no que se refere à caça de veados, perdizes, jacus, jacutingas, pacas, capivaras gordas – as magras provocavam diarreia – peixes, frutas e, é claro, leite.

Conta um verso de Cláudio Manuel da Costa que, em uma tarde de muito frio, um bandeirante paulista, talvez Bartolomeu Bueno, o *Anhangüera*, encontrou acoradas na areia de uma praia do rio que corre ao lado da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição, hoje Sabará, três índias, já muito velhas, a tramarem o rumo do destino dos homens e o tempo de suas vidas. A lenda impôs o nome ao rio das Velhas, que no seu aluvião amealhou tanto ouro, rio que ainda hoje se alimenta de ribeirões subterrâneos e de lagoas misteriosas, como a do Sumidouro, até desembocar no São Francisco e formar, com ele, as bordas do caminho dos Currais do São Francisco.

Por esse caminho passou o comércio de gado, passaram as trilhas clandestinas do contrabando que deixava Minas Gerais na direção da Bahia e passou o esforço das autoridades portuguesas para **enquadrar a população heterogênea de muitos mestiços, mamelucos, índios, brancos vadios, negros domesticados à força de temor e fazendeiros insubmissos, a fim de que o ouro e as gemas fluíssem melhor para os cofres do rei.** O abastecimento foi proibido com exceção do comércio de gado; na tentativa de impedir o contrabando, os viajantes começaram a sofrer todo tipo de restrição, as fazendas que beiravam o rio das Velhas e o rio São Francisco continuaram a crescer, enormes, mas o ouro prosseguiu seguindo seu descaminho de ousadia e astúcia até Salvador.

Para aumentar o desespero da Coroa, pelo caminho dos rios das Velhas e São Francisco também desciam, da Bahia e de Pernambuco, homens sobrecarregados de miséria, uma gente sem nome e sem opinião que de seu só conservavam a dor de uma vida banalizada pela violência e as cicatrizes de velhos sonhos. Continuavam morrendo de fome nas Minas, mas sonhavam com a mítica Paracatu, imaginando-a repleta de mercadorias finas, vindas diretamente da Europa, uma vila toda dourada onde habitavam damas soberbas que empoavam de branco os próprios cabelos e polvilhavam de ouro puro a carapinha das negras de estimação.

No rumo de Paracatu, confluíu a fronteira entre fantasia e realidade no sertão, principalmente em decorrência da abundância de suas jazidas e da posição geográfica privilegiada, ponto de ligação entre a extração de ouro de Goiás e as fazendas de gado dos Gerais. No engodo dessa riqueza, populações inteiras marcharam, de mudança, pelo caminho dos Currais do São Francisco, sem desconfiar que entre os Gerais e o Sertão os diamantes sempre foram escassos, o ouro cedo se esgotou e os ribeirões da velha Paracatu secaram numa agonia lenta, reduzidos a faisqueiras pela falta de água.

Entretanto, quando Garcia Rodrigues Pais começou a abrir outra *boca das Minas* – o Caminho Novo, como ficou conhecido –, com o objetivo de reduzir o percurso que teria de ser feito entre a região mineradora e o porto do Rio de Janeiro, para viabilizar o aumento da arrecadação tributária, o brilho do ouro aumentava a cada dia – mas, crescia, também, a miséria dos mineiros. **Não por acaso, o Caminho Novo funcionou, especialmente, como rota de abastecimento e circulação de produtos para a região das Minas, onde foi notório, nos primeiros anos de povoamento, o problema da escassez de alimentos. Entre 1697 e 1698, entre 1700 e 1701, os mineiros “morriram de fome com as mãos cheias de ouro”**, anotou, impressionado, padre Antonil. Para escapar da morte, essa gente comia qualquer coisa, inclusive cães, gatos, ratos, raízes, insetos, cobras e lagartos, além dos repulsivos e perigosos bichos-de-taquara, um grande verme branco que se encontra no interior dos bambus, só comestível a partir de uma receita de época, cuidadosa e precisa: “para os comer é necessário estar um tacho no forno bem quente, e ali os vão botando; os que estão vivos logo bolem com a quentura e são os bons, e se se come algum que esteja imóvel é veneno refinado”. Já o bicho-de-taquara seco era considerado um poderoso narcótico, capaz de produzir sonhos alucinógenos – desde que fosse comido sem cabeça e conservado seu tubo intestinal.

Conta a lenda que milhares de mineiros morreram de fome no sopé da serra que separa Ouro Preto de Ouro Branco e, por vezes, ainda hoje, aparecem, nas

noites de pouca lua, uma multidão espectral vagando num descampado estreito que atravessa o Caminho Novo, conhecido como Campo das Caveiras – quem sabe, perseguindo, pela eternidade, os topázios cor de pêssego só encontrados nessa região. A carência de produtos alimentares, nos primeiros tempos da ocupação das Minas, talvez ajude a explicar, também, a sensível influência de costumes extrativistas herdados às comunidades indígenas e de descobertas alimentares realizadas por escravos, intensamente presentes na culinária mineira de hoje. Talvez venha da fome setecentista, por exemplo, a importância de certas frutas, como a banana-da-terra, o pequi, o jatobá, o araticum, a amora e a cagaíta; de brotos de plantas, como a samambaia, a abóbora e o bambu; de folhas, como o ora-pro-nobis, a serralha, a taioba e o gondó; de raízes, em especial, a raiz de mandioca, que possibilita inúmeras formas de preparo: assada em borralho, cozida, como farinha, como goma para pães e biscoitos, como cola ou grude, como polvilho capaz de transformar-se no que, um dia, viria a ser o pão de queijo.

Graças ao Caminho Novo, porém, o Rio de Janeiro transformou-se no principal centro de abastecimento, povoamento e circulação do ouro e dos diamantes, suplantando os núcleos paulista e baiano, que cansaram de pedir à Coroa Portuguesa seu fechamento – e os habitantes das vilas de São Paulo jamais perdoaram Garcia Rodrigues Pais por essa estrada que desviava definitivamente para o Rio de Janeiro a rota das Minas. Pelo Caminho Novo entrou, na terra dos mineiros, açúcar, cachaça, gado, feijão, arroz e farinha e, com a multiplicação das vilas e dos arraiais, vidros, espelhos, veludos, pelúcia, louças, vinhos, azeites, armas, pólvora, sal e ferro. Por ele, também, boa parte da população negra escrava foi trazida para a região das Minas e, nos Registros de Matias Barbosa e do Paraibuna, eram cobrados os tributos da Coroa sobre o ouro de Vila Rica, como não se esqueceu de anotar, em um verso, tantos anos depois, o poeta Manuel Bandeira: “Para o fausto d’ El-Rey, para a glória do imposto”.

Um viajante como Tomás Antônio Gonzaga, vindo do Rio de Janeiro pelo Caminho Novo, demorava entre 12 a 20 dias até entrar em Vila Rica, com suas ladeiras íngremes e escorregadias e suas noites brancas de neblina e lua. Mas o percurso podia demandar mais tempo, sobretudo na estação das chuvas, quando o aguaceiro pingava quase ininterrupto pelas barbas dos viajantes, o nevoeiro cobria a Mantiqueira e a estrada dissolvía-se em lama sob os pés. Era costume pousar na beira do caminho, com o dia alto, ao meio-dia ou à uma hora da tarde, à maneira dos bandeirantes paulistas, e só recomençar a viagem no dia seguinte. **No início do Setecentos, comia-se carne seca, toucinho e fubá com feijão na travessia para as Minas; porém, na segunda metade do século XIX, conta Pedro Nava, o cardápio foi bastante melhorado: é certo que ainda marchava-se à paulista pelo Caminho Novo, mas, durante o pouso, os escravos armavam um tripé de varas fincado no chão e penduravam nele o caldeirão de ferro onde as mulheres misturavam o angu mole ou duro, o feijão fervido com bastante sal e banha derretida, ovo frito, pedaços de lingüiça e lombo, torresmo, farinha, cebola, alho, salsa e muita, muita pimenta – já eram os primórdios do feijão tropeiro.**

Durante os dias de viagem não era difícil encontrar um lugar para pouso. Nas imediações do Caminho Novo ergueram-se moinhos de milho e mandioca; ao longo dele e, provavelmente em função do seu tráfego, começaram a aparecer ranchos e pousadias: José Rodrigues, Alberto Dias, Passagem, Carandaí, Outeiro, Dois Irmãos, Galo Cantante, Rocinha, Amaro Ribeiro, Carijós, Rodeio. De tempos em tempos, era freqüente surgirem sítios e roças: sítio do Fragoso, sítio do Queiroz, rocinha do Azevedo, roça do Araújo, do Pinho, do Bispo. O ouvidor Caetano da Costa Matoso, na sua passagem pela região das Minas, durante o ano de 1749, conta que o sítio Juiz de Fora, por exemplo, havia sido construído por um tal Luís Fortes, juiz de fora no Rio de Janeiro, a sete dias de viagem dali, e foragido na região das Minas por conta de sua amizade com os franceses – amizade, no geral, muito malvista, já que os franceses, na virada do século XVII e início do século XVIII, só costumavam entrar na baía de Guanabara com seus navios espirrando pólvora.

Difícil era o ambiente desses lugares, roças, ranchos e pousadias sempre muito precárias, com pouco ou nada para oferecer ao viajante. Entre as peripécias da viagem do conde de Assumar, em 1717, por exemplo, consta, ao lado dos lamaçais constantes, das bolas de carrapatos miúdos pendendo das folhas das árvores, prontas a desabar sobre a comitiva do governador das Minas e das encostas íngremes e escorregadias da Mantiqueira, a oferta de uma ceia de “meio macaco e umas poucas de formigas”, tão saborosas depois de cozidas, argumentava o hospedeiro do conde, “que nem a melhor manteiga de Flandres a elas se igualava” – além do transtorno de atravessar uma madrugada, insone, no rancho de palha de um paulista, perseguido por baratas. Tempos depois, já no século XIX, também o viajante inglês Richard Burton tratou de reclamar das noites mal dormidas em Minas, nos ranchos de tropeiros, infestados por diferentes tipos de pernilongos e onde “enxameiam vermes estranhos e grosseiros que se enfiam pelas carnes e fazem sua morada sob as unhas”.

Nas proximidades da pousada de Ressaca, o Caminho Novo se bifurcava, como nos versos de Tomás Antônio Gonzaga: à esquerda, virava para São João del Rey, na beirada do Rio das Mortes, a mais bela vila da capitania, com suas construções brancas, suas portas e janelas tingidas, sua economia mais equilibrada e diversificada, suas terras agricultáveis e pastoris, área para onde se deslocaria, no final do século XVIII, a concentração dos recursos econômicos da região das Minas. À direita, sempre firme no rumo de Vila Rica, a estrada subia espremida entre a montanha e os despenhadeiros da Mantiqueira até o arraial da Igreja Nova, atual Barbacena, localizada no centro da região das Minas, ponto obrigatório de passagem de todos os viajantes e, por isso mesmo, famosa por suas muitas e persistentes prostitutas mulatas.

Mas esse era também o trecho mais perigoso do Caminho Novo, infestado por grupos de brancos vadios, capangas, caçadores de escravos fugidos, negros quilombolas e quadrilhas de salteadores de estradas. A mais conhecida dessas quadrilhas, o grupo de José Galvão, o *Montanha*, durante muito tempo assaltou viajantes usando, como disfarce, as fardas dos soldados encarregados de patrulhar a estrada. Essa quadrilha enterrou suas vítimas na mata, no ponto mais alto da Serra, e foi desbaratada, por volta de 1783, pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, o *Tinadentes*, então comandante da Patrulha do Mato e grande conhecedor das trilhas da



Mantiqueira. Seja por conta das muitas vítimas assassinadas pelo *Montanha*, seja porque ali era, de fato, um couro de bandidos, seja por tudo isso e pelo que mais não se sabe, o certo é que um mineiro precavido jamais passará a noite pousado próximo ao ponto mais alto do Caminho Novo, ainda hoje reconhecido como o ponto central da região mais assombrada de toda Minas Gerais – e por onde continuam correndo histórias sobre aparições de luzes misteriosas em noites de chuva forte, de almas de homens assassinados rondando o lugar de sua morte, de assombrações brancas que se materializam apenas pela voz ou por parte do corpo para perturbar o sono dos viajantes, de cavalgadas sobrenaturais percorrendo o alto da Serra da Mantiqueira.

O Caminho Novo serviu para muitos percursos. Serviu, por exemplo, como via de deslocamento das tropas enviadas pelo governador das Minas, Antônio de Albuquerque, para enfrentar a ousadia militar do corsário Dugay-Trouin quando, em 1711, o francês invadiu a cidade do Rio de Janeiro. Os homens mandados pelo governador eram cerca de seis mil, entre brancos e negros e, por conta das chuvas, chegaram atrasados. No dia 12 de setembro, encoberto por forte nevoeiro, Dugay-Trouin protagonizou uma entrada espetacular na barra do Rio de Janeiro, passou pela baía, desceu em terra firme sem encontrar resistência e, durante quarenta dias, bombardeou, ocupou e saqueou livremente a cidade. Depois, exigiu – e recebeu – elevado pagamento de resgate para abandonar sua presa.

Contudo, a estrada de Minas conservou também a memória de outros percursos. No seu trajeto guardou, com certeza, a lembrança das incontáveis vezes em que foi percorrida pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, ora como tropeiro, ora como comandante da Patrulha do Mato, ora como propagandista da sedição dos inconfidentes. Na região das Minas, ao final do século XVIII, falava-se em levante por toda parte, inclusive nas beiradas do Caminho Novo, nos ranchos, nas tabernas, nos pousos, nas casas de prostitutas – lugares públicos onde se ensaiavam as formas de expansão da sociabilidade política da época.

Ao que tudo indica, *Tiradentes* foi, de fato, um personagem polêmico, de olhar espantado, irascível, brusco, impetuoso e rude – mas foi igualmente dotado de uma impressionante habilidade de persuadir o outro, não apenas apelando à razão, mas sobretudo mobilizando as paixões. Às vezes, não dava certo – certa noite, na Ópera do Rio de Janeiro, recebeu uma vaia inesquecível que o fez desistir em definitivo dos cariocas. Mas, talvez por conta dessa eloquência, capaz de assegurar atenção e, eventualmente, instigar os outros à ação, *Tiradentes* tenha se transformado no principal propagandista do levante da Inconfidência Mineira, espalhando idéias de República e de sedição pelo principal caminho de acesso às Minas. Também por conta dessa eloquência o castigo que recebeu da Coroa portuguesa foi exemplar, espetacular e público: enforcado no Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1792, seu corpo esquartejado cumpriu o percurso mais sombrio de que se tem notícia na história do Caminho Novo.

Depois de Vila Rica, a estrada de Minas ainda subia, num último fôlego, pelas trilhas escarpadas da serra de Capanema, na altura do pico da Pedra de Amolar, para, em seguida, rolar pelas encostas inclinadas e pedregosas da montanha, emaranhada de mato alto, atravessar sobranceira os minúsculos arraiais de São Bartolomeu e Santo Antônio da Caza Branca, hoje Glaura, até encontrar seu fim em Sabará, na antiga Vila Real de Nossa Senhora da Conceição, na região do Rio das Velhas. Entretanto, saindo por Sabará e passando por Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro, ou saindo por Vila Rica e atravessando a serra do Caraça, entre Catas Altas e Santa Bárbara, existiu mais uma *boca das Minas*. O último caminho, o Caminho do Mato Dentro, ou Caminho do Serro Frio e do Tejuco, guiou-se pelo conjunto de serras que formam o maciço do Espinhaço para ligar Vila Rica à única região da área mineradora capaz de produzir diamantes – as famosas *pedras brancas*, a riqueza mais cobiçada pelo homem do século XVIII.

Os diamantes começaram a ser encontrados no fundo dos ribeirões que alimentam o Rio Jequitinhonha – ribeirão do Inferno, Caeté-Mirim, Santo Antônio –, em algum momento da década de 1720 e, até onde foi possível, tentou-se esconder tal descoberta da Coroa. **Pela intensidade da cobiça que os diamantes despertaram, pela ilusão da riqueza que pareceu correr fácil como água da chuva nas ladeiras do arraial do Tejuco, pela importância e pelo valor, inclusive simbólico, que o rei português e sua corte emprestaram a essas pedras, essa estrada foi provavelmente o acesso mais controlado e mais vigiado pelas tropas de Portugal. Isso explica, ao menos em parte, o baixo povoamento da região, a multiplicação de lavras clandestinas nos ribeirões, o profundo isolamento dos arraiais.**

Por conta da criação de normas de controle cada vez mais asfixiantes e repressivas explodiram, por todo o Distrito Diamantino, as formas clandestinas de extração das pedras, o bandoleirismo e o comércio ilícito de diamantes – as montanhas do Serro Frio estavam infestadas de mineiros fora-da-lei. Mas, além de ser, evidentemente, uma atividade capaz de enriquecer rapidamente quem possuía coragem suficiente para se dedicar a ela, contrabandear diamantes, na região das Minas, durante o século XVIII, tinha também um sentido político de transgressão, ainda que implícito, já que significou subtrair, de maneira deliberada, receita, poder e controle de comércio ao Estado absolutista português.

Talvez não por acaso, um dos personagens mais fascinantes da Inconfidência Mineira, o padre Rolim, ocupou boa parte de sua vida metido em fraudes contra a Coroa: falsificou moeda, subornou autoridades – inclusive as eclesiásticas –, emprestou dinheiro a juros, conviveu com garimpeiros e faiscadores, desviou diamantes do Tejuco, onde nasceu, da rota oficial de Lisboa para a trilha clandestina que terminava em Amsterdã. Ele era, sem dúvida, uma mistura bizarra e muito explosiva de contrabandista, agiota, aventureiro temerário e violento e sedutor incorrigível. Mas padre Rolim foi também, ao que tudo indica, um homem vocacionado pelas luzes do cálculo, um personagem capaz de romper o cordão de isolamento da privacidade individualista e compreender seu próprio interesse articulado aos interesses dos demais: na República que imaginava ajudar a criar, o comércio seria livre; os diamantes, de propriedade de quem soubesse garimpá-los; os dízimos ficariam com os vigários; o ouro alçaria “seu legítimo valor”. Ainda que para tornar essa República possível fosse necessário adicionar *pólvora à poesia* produzida pelo grupo letrado de Vila Rica e tomar o controle de toda a região dos diamantes, à frente de 200 homens, armados com mosquetes, balas e facões. Foi no arraial do Tejuco, não em Vila Rica, que padre Rolim imaginou fechar os caminhos de acesso ao Distrito Diamantino e dar prosseguimento à Inconfidência Mineira; foi lá, em meio aos penhascos, que sonhou ser possível encurralar as tropas portuguesas.

Para chegar ao arraial do Tejuco é preciso atravessar a Serra dos Cristais, parte do complexo de montanhas que formam o maciço do Espinhaço. A temperatura começa a se modificar, o ar fica mais frio, o vento executa um assobio fino nas fissuras das pedras, a Serra dos Cristais vai alterando sua cor: prateada durante o



dia, dourada ao final da tarde, azul escura nas noites de lua cheia. Nas trilhas de acesso ao Tejuco, o chão é principalmente de areia misturada aos cristais e às pedras, são freqüentes as bromélias, as orquídeas e as sempre-vivas e, à noite, é comum encontrar, no alto da Serra, a Mãe da Lua – um pássaro azul, de hábito noturno, que só voa em bando.

O arraial do Tejuco transformou-se em Diamantina, virou a terra onde nasceu JK, mas conservou algumas das particularidades que fazem dela, ainda hoje, uma cidade muito diferente das outras, como Ouro Preto, Mariana, São João Del Rey ou Tiradentes: as ruas de pedras *capistranas*, por exemplo, datadas do século XIX, com faixas mais estreitas para facilitar o caminhar a pé, pedras que produzem um som cavo, durante a procissão do Calvário, na sexta-feira da Semana Santa, quando as lanças dos guardas de Pôncio Pilatos vão batendo ritmadas no chão; as casas intensamente coloridas de amarelo, vermelho, castanho, verde e azul, com pequenas esculturas de vidro maciço nas fachadas, em forma de frutas ou flores – as *pinhás*, cuja origem árabe parece insinuar que lapidários e comerciantes de pedras, vindos do Oriente, algumas vezes atravessaram o outro lado do mundo até atingirem o extremo da região das Minas. As mesmas casas construídas para portarem balcões e janelas de *muxarabiê*, também de origem árabe, um tipo característico de treliça que permite ver a rua sem ser visto por ela; a forte presença do estilo rococó que fez de Diamantina a menos barroca e a mais alegre das cidades mineiras; o traçado urbano característico que vai subindo, como teia de aranha, da beira dos córregos até atingir a altura dos dois Largos principais da cidade, para só então assumir sua forma espacial definitiva.

Mas no século XVIII, quem seguia pelo Caminho do Serro Frio e do Tejuco chegava primeiro à Vila do Príncipe, atual Serro, sede administrativa do Distrito Diamantino, delineada, de repente, no topo da estrada, as igrejas e casas alçadas sobre declives e aclives da Serra. De lá, para alcançar o Tejuco era preciso passar pelo arraial de Milho Verde, onde Chica da Silva nasceu e foi batizada, na igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, igreja ainda hoje de pé, para demonstrar o apuro e o requinte do barroco *estradeiro* das Minas aparecendo na simplicidade da fachada e do interior da nave. Em seguida, ainda era necessário atravessar o arraial de São Gonçalo do Rio das Pedras, com sua praça barroca, sua pequena igreja branca e azul rodeada por um muro baixo de pedra, suas bicas para lavagem da roupa, seus telhados desajeitados de capim quase na altura da cabeça dos passantes; só, então, terminava a estrada, já beirando as primeiras ladeiras do arraial do Tejuco.

Tanto quanto Diamantina, o Serro também conservou alguns de seus traços mais característicos, como os casarões do século XVIII e início do XIX, geralmente brancos, de portas e janelas tingidas com cores fortes e escuras: a casa da família Lessa, o chalé dos Ottoni, a casa da família Sá, a casa onde nasceu João Pinheiro, a chácara do Barão. Talvez na mais republicana das cidades mineiras, a gente do Serro ainda hoje gosta de interpretar, a seu modo, a pintura do teto do altar-mor da igreja do Bom Jesus do Matosinho e, indiferente à opinião dos especialistas, insinuar a possibilidade de o artista ter retratado um bando de revolucionários franceses, os *sans-cullotes*, sustentando a descida da cruz do corpo do Bom Jesus – sem esquecer de incluir, ao fundo, é claro, a Bastilha.

É bem verdade que essa mesma gente do Serro parece ter-se esquecido de guardar consigo exemplares do jornal *A Sentinela do Serro*, editado por Teófilo Ottoni que, por volta de 1830, montou uma tipografia inteira para defender o direito de rebelião dos mineiros contra governos tirânicos. Mas a cidade ainda parece cultivar a lembrança da *Associação para Defesa do Bem Público*, criada igualmente por Ottoni, uma solução típica republicana para expressar a relação entre a capacidade de agir e de formar opinião e o desejo de seus membros de tomar parte na vida pública do país. Também parece conservar um certo orgulho por sua participação



na Revolução de 1842 e por ter protagonizado a Rebelião do Serro, em 1831, uma espécie de revolta cívica orientada por indivíduos interessados em exercer, diretamente, na comunidade local, a sua soberania – embora, por lá, hoje em dia, ninguém se lembre mais do nome das mulheres que, surpreendentemente, tiveram participação ativa nessa rebelião.

Talvez por conta do isolamento em que viveram durante tanto tempo, as cidades que cortam o Caminho do Serro Frio e do Tejuco tenham criado uma culinária com traços muito característicos. Vem do Serro, por exemplo, a crença de que o animal, ao ser abatido, morre com “mágoa” e essa “mágoa” precisa ser retirada ou aliviada das carnes com o uso da cachaça e do limão na hora do seu preparo – caso contrário, não presta para comer. Também do Serro vem a receita primitiva do arroz-vermelho, a carne de osso com broto de samambaia, o fubá suado com café, a rosquinha de rapadura, o angu doce com rala de queijo servido na gamela e cortado em quadros para ser comido com a mão, o mamão verde refogado e, claro, os queijos – muito queijo.

Entretanto, ficou como lembrança da vida no arraial do Tejuco, durante o século XVIII, o sabor peculiar do feijão bago-bago, uma receita original de feijão tropeiro que permaneceu, tal como foi criada, por garimpeiros fora-da-lei, na região dos diamantes, prato geralmente comido com a mão, *de arremesso*. Já dos infundáveis dias de frio passados faiscando pedras nos ribeirões do Tejuco ficou a invenção da vaca-atolada, um caldo grosso feito da mistura de costela de boi picada, mandioca, cachaça, cebola, salsa, cebolinha, pimenta e urucum; ou a feitura do biscoito bagageiro, grosso, feito de goma, próprio para enganar a fome dos tropeiros em viagem. Mas permaneceu misturada às saudades de Portugal a descoberta do doce de casca de limão, casca verde lustrosa de calda de açúcar misturada com cravo e canela; um tipo de pamonha com fubá, queijo, cravo e coalhada, enrolada em folha de bananeira e assada em forno de barro; o licor de folha de figo, o xarope de casca de banana para curar tosse de criança e o chá de capim cidreira e folha de laranja, próprio para acabar com qualquer insônia.

As Minas, como se sabe, são muitas e, dentro delas, existe apenas uma única estrada. Contudo, essa parece ser uma estrada interminável: passam, por ela, diversos caminhos, embutidos uns dentro de outros, cada um deles conduzindo adiante o fio de suas histórias. Como uma trama de narrativas: um atalho dará ocasião a uma nova história que, encaixada dentro dele, provocará a emergência de uma terceira, que contém em si o fragmento de uma quarta história, e assim por diante. **Por conta da trama, os caminhos da estrada de Minas são também ardilosos, fruto da astúcia: servem para enredar o ouvinte. Não por acaso. Afinal, como diria o escritor João Guimarães Rosa, em Minas Gerais, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar histórias?**

